



PESQUISA

Self-medication practice among pension housed patients at the central healthcare unit of Teresina

Prática da automedicação entre pacientes hóspedes de pensões do pólo de saúde de Teresina

Práctica de automedicación entre pacientes huéspedes de pensiones del polo de la salud de Teresina

Wemíria de Fátima Lima Lopes¹, Fabrício Ibiapina Tapety², Cintia Maria de Melo Mendes³, Maria do Carmo de Carvalho e Martins⁴, Ednaldo Francisco Santos Oliveira Júnior⁵, Tereza Maria Alcântara Neves⁶

ABSTRACT

Objective: To investigate the prevalence and characteristics of self-medication among pension housed patients at the central healthcare unit of Teresina in the downtown region. **Method:** This is an exploratory epidemiological study with a quantitative, cross-sectional descriptive approach. For data collection a semi-structured questionnaire was applied on the behaviors of 300 patients. **Results:** Of the total respondents, the practice of self-medication was common in 241 (80.33%) of individuals. The greatest achievement of this was seen in those coming from municipalities in the interior of Maranhão 116 (48.13%), which surpassed even that with a small gap the individuals from the interior of Piauí, to practice self-medication in 101 (41.91%). **Conclusion:** It is understood that self-medication is an old widespread practice. The search for relief from their ailments and the poor public healthcare offered to the population admits that individuals opt for self-medication as a first option. **Descriptors:** Self-medication, Education, Drug Sales.

RESUMO

Objetivo: Investigar a prevalência e características da automedicação entre os pacientes do Polo de Saúde de Teresina que se hospedam nas pensões da região central da cidade. **Método:** Trata-se de um estudo epidemiológico exploratório com abordagem quantitativa e descritiva transversal. Para coleta dos dados aplicou-se um questionário semi-estruturado, sobre os comportamentos de 300 pacientes. **Resultados:** Do total de entrevistados, a prática de automedicação foi comum em 241 (80,33%) dos indivíduos. A maior realização desta viu-se naqueles oriundos de municípios do interior do Maranhão 116 (48,13%), que ultrapassou ainda que com uma diferença pequena os indivíduos do interior do Piauí, com prática de automedicação em 101 (41,91%). **Conclusão:** Entende-se que a automedicação é uma prática antiga e largamente difundida. A busca por alívio de seus males e a carente saúde pública oferecida à população admite que os indivíduos lancem mão da automedicação como primeira opção. **Descritores:** Automedicação, Educação, Comércio de drogas.

RESUMEN

Objetivo: Investigar la prevalencia y las características de la automedicación entre pacientes huéspedes de pensiones del polo de la salud de Teresina de la región central de la ciudad. **Método:** Se trata de un estudio epidemiológico exploratorio con enfoque cuantitativo y descriptivo transversal. Para la recolección de datos aplicado un cuestionario semi-estructurado sobre los comportamientos de los 300 pacientes. **Resultados:** Del total de encuestados, la práctica de la automedicación era común en 241 (80,33%) de los individuos. El mayor logro esto se vio los provenientes de los municipios de Maranhão 116 (48,13%), que sobrepasando incluso con un pequeño gap individuos del interior de Piauí, para practicar la auto-medicación en 101 (41,91%). **Conclusión:** Se entiende que la automedicación es una práctica antigua y generalizada. La búsqueda de alivio a sus dolencias y la mala salud ofrecidas a la población, admite que las personas se apoderan de la automedicación como primera opción. **Descriptor:** Automedicación, Educación, El comercio de drogas.

¹ Biomédica. Graduada em Biomedicina pelo Centro Universitário UNINOVAFAPI.

² Cirurgião Dentista. Doutor em Reabilitação Oral - Universidade de São Paulo - USP. Pós-doutor em Implantodontia pela Johannes Gutenberg University em Mainz/Alemanha. Docente do Programa de Mestrado Profissional em Saúde da Família do Centro Universitário UNINOVAFAPI.

³ Médica. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Farmacologia da Universidade Federal do Ceará, UFC. Docente do Centro Universitário UNINOVAFAPI.

⁴ Doutora em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Docente do Programa de Mestrado Profissional em Saúde da Família do Centro Universitário UNINOVAFAPI.

⁵ Mestre em Saúde da Família pelo Centro Universitário UNINOVAFAPI.

⁶ Mestre em Saúde da Família pelo Centro Universitário UNINOVAFAPI.

INTRODUÇÃO

A automedicação é um fenômeno que tem sido amplamente estudado e discutido na cultura médico-farmacêutica, principalmente por trazer grandes preocupações em termos de saúde pública no Brasil.^{1,2}

É uma conduta cuja iniciativa parte fundamentalmente de um doente, ou de seu responsável, em consumir um produto com a finalidade de tratamento de doenças ou alívio de sintomas.³ A orientação médica é inapropriadamente substituída pelas prescrições de medicamentos por pessoas não autorizadas, como amigos, familiares ou balconistas da farmácia. Outra forma comum de auto-atenção à saúde é a automedicação orientada, em que receitas emitidas anteriormente são reutilizadas, apesar de não terem especificações de uso contínuo.⁴

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), há uso racional de medicamentos quando pacientes recebem medicamentos apropriados para suas condições clínicas, em doses adequadas às suas necessidades individuais, por um período adequado e ao menor custo para si e para a comunidade.⁵

Em estudos recentes, mostrou-se que dos 22.165 casos de intoxicações medicamentosas registradas por seis Centros de Controle de Intoxicações, 2.263 (10,21%) eram por medicamentos anódinos (dipirona, salicilatos e paracetamol). Com esses dados, observa-se que até os remédios de venda livre, e que talvez sejam aqueles com os quais a população esteja mais familiarizada, não estão isentos de risco.⁶

As razões pelas quais as pessoas se automedicam são inúmeras. A propaganda desenfreada e maciça de determinados medicamentos contrastam com as tímidas campanhas que tentam esclarecer os perigos da

Prática da automedicação entre pacientes... automedicação, que trás por principais efeitos indesejáveis, as enfermidades iatrogênicas e o mascaramento de doenças em evolução, representando, portanto, um problema a ser prevenido. Com o objetivo de proteger o consumidor, o controle da propaganda/promoção/publicidade de medicamentos é regulado no Brasil pela Resolução RDC nº 102 desde novembro de 2000, recentemente revogada pela RDC 96/2008.⁷

Além dos diversos motivos para automedicação anteriormente mencionados, pode-se ainda acrescentar a limitação do poder prescritivo, atualmente restrito aos médicos; o número excessivo de farmácias nos grandes centros; a angústia e sofrimento desencadeados pelos sintomas; a facilidade de acesso à informação na internet em sites de busca; a falta de fiscalização em relação à venda de remédios tarjados e a falta de programas educativos a respeito dos efeitos, muitas vezes, irreparáveis da automedicação. É impossível frear essa prática, assim, é necessário que a sociedade se adapte, recebendo informação científica sobre os medicamentos de venda livre, sem estímulo ao consumo desenfreado ou ao mito de cura milagrosa, ao passo que seja incentivada a procura do profissional médico, relevando os pontos positivos que uma consulta médica pode ter em relação à automedicação.⁴

Desta forma, diante da escassez de dados sobre a prática da automedicação com medicamentos alopáticos e homeopáticos em um grupo específico da população, os pacientes de baixa renda que buscam tratamentos para as mais diversas enfermidades e se hospedam nas pensões do polo centro de saúde de Teresina, fazem-se necessários estudos mais aprofundados e voltados ao conhecimento das características básicas da automedicação praticada por essas pessoas que se tratam de forma convencional, mas, que ao mesmo

Lopes WFL, Tapety FI, Mendes CMM *et al.* tempo, praticam a automedicação alopática, homeopática ou fitoterápica. Assim, os medicamentos usados de forma indiscriminada por essas pessoas de saúde fragilizada, tendem a ocupar o primeiro lugar entre os agentes causadores de intoxicações. Neste caso, pode-se incluir por automedicação tanto o hábito de comprar medicamentos em farmácias sem a prescrição médica, até o uso das chamadas garrafadas, o que torna essa questão um problema de saúde pública.

Por tudo isso, este estudo objetivou avaliar a prevalência da automedicação entre os pacientes do Polo de Saúde de Teresina que se hospedam nas pensões da região central da cidade.

METODOLOGIA

Esta pesquisa trata-se de um estudo epidemiológico exploratório com abordagem quantitativa e descritiva transversal. Para a coleta de dados, realizaram-se entrevistas através de um questionário com perguntas abertas e fechadas, a cerca dos conhecimentos e comportamentos em relação à automedicação, em 300 pacientes na faixa etária de 18 a 70 anos de idade, de todas as raças, de diferentes classes sociais oriundos de municípios do interior do Piauí ou de outros estados e que estavam sendo acompanhados ou não pelas Equipes de Saúde da Família de suas respectivas cidades, hospedados em pousadas e pensões do Centro de Teresina, que vieram a esta cidade em busca de tratamento médico e que concordaram em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Em cada pensão foram entrevistados em média 3 hóspedes. O processamento dos dados realizou-se através do programa *PASW Statistics 18* (SPSS) e os resultados foram apresentados em tabelas para uma melhor compreensão.

R. pesq.: cuid. fundam. online 2013.dez. 5(6):151-159

Prática da automedicação entre pacientes...

O projeto foi submetido à apreciação pelo Comitê de Ética do Centro Universitário UNINOVAFAPI e aprovado sob o CAAE de nº 02512312.2.0000.5210.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistados 300 pacientes que estavam hospedados em pensões localizadas nas proximidades do polo centro de saúde de Teresina-PI. Do total de entrevistados, 198 (66,00%) eram do sexo feminino, apresentando por média de idade 47 anos. 219 (73,00%) dos entrevistados eram casados, 172 (57,33%) trabalhavam e 193 (64,33%) possuíam escolaridade de 1 a 8 anos de estudo. A maioria dos participantes, correspondendo a 160 (53,33%) possuía uma renda familiar de 301 a 622 reais. O número de entrevistados com plano de saúde foi de 67 (22,33%) (Tabela 1).

Tabela 1. Perfil sociodemográfico da população estudada. Teresina (PI), 2013

		N	%	Média
Sexo	Masculino	102	34,00%	
	Feminino	198	66,00%	
Idade				47
Estado Civil	Solteiro	62	20,67%	
	Casado	219	73,00%	
	Viúvo	16	5,33%	
	Outros	3	1,00%	
Trabalho	Sim	172	57,33%	
	Não	128	42,67%	
Escolaridade (anos de estudo)	Analfabeto	30	10,00%	
	1 a 8	193	64,33%	
	9 ou mais	77	25,67%	
Renda Mensal (em reais)	Sem renda	27	9,00%	
	Até 300	43	14,33%	
	301 a 622	160	53,33%	
	Mais de 622,1	70	23,33%	
Possui Plano de Saúde	Não	233	77,67%	
	Sim	67	22,33%	
	Total	300	100,00%	

Fonte: Pesquisa direta

Considerando a origem desses entrevistados que vieram a Teresina em busca de tratamento médico, tivemos 137 (45,67%) oriundos de municípios do interior do Piauí, 132 (44,00%) vieram de cidades do interior do Maranhão, 22

Lopes WFL, Tapety FI, Mendes CMM *et al.* (7,33%) do interior do Pará e uma parcela bem pequena, 9 (3,00%) que vieram de municípios de outros estados, como Bahia e Roraima.

No total de entrevistados pela pesquisa, a prática de automedicação foi comum em 241 (80,33%) indivíduos. A maior realização desta, por local de origem, foi vista nos entrevistados oriundos de municípios do interior do Maranhão - 116 (48,13%), que ultrapassou, ainda que com uma diferença pequena, os indivíduos vindos do interior Piauí, onde se teve o maior número de participantes na pesquisa. Neste, a prática da automedicação foi de 101 (41,91%). Logo em seguida, vieram os municípios do interior do Pará com 19 (7,88%) e de outros estados com 5 (2,07%) de seus entrevistados. Seu baixo índice justifica-se devido ao número reduzido de participantes na pesquisa (Tabela 2).

Tabela 2. Automedicação por local de origem. Teresina (PI), 2013

Local de origem	Aquisição de medicamentos sem receitas			
	Sim		Não	
	N	%	N	%
Municípios do interior do PI	101	41,91%	36	61,02%
Municípios do interior do MA	116	48,13%	16	27,12%
Municípios do interior do PA	19	7,88%	3	5,08%
Municípios de outros estados	5	2,07%	4	6,78%
Total	241	100,00%	59	100,00%

Fonte: Pesquisa direta

No estudo que identificava a prevalência da utilização de medicamentos em adultos no sul do país, foram observados que numa amostra composta por 3.182 indivíduos com 20 anos de idade ou mais, residentes na região urbana do município de Pelotas, RS. A prevalência de uso global de medicamentos foi de 65,9%, onde os grupos que apresentaram maiores prevalências de utilização de medicamentos após análise foram mulheres, idosos, indivíduos de nível econômico mais elevado e com pior autopercepção de saúde. R. pesq.: cuid. fundam. online 2013.dez. 5(6):151-159

Prática da automedicação entre pacientes... Tendo os grupos farmacológicos mais verificados com a pesquisa: analgésicos, anti-inflamatórios e anti-hipertensivos.⁸

Em nosso estudo, os resultados evidenciam que entre os medicamentos vinculados no processo de automedicação, prevalecem os analgésicos (93,67%), anti-inflamatórios (87,00%), antibióticos (75,33%), medicamentos para resfriados ou antigripais (71,00%), xaropes (67,33%), descongestionantes (14,67%), benzodiazepínicos (12,00%) e antialérgicos (9,33%) (Tabela 3).

Tabela 3. Medicamentos alopáticos/homeopáticos mais comumente utilizados na automedicação. Teresina (PI), 2013

		N	%
Analgésicos	Sim	281	93,67%
	não	19	6,33%
Anti-inflamatórios	Sim	261	87,00%
	não	39	13,00%
Xaropes	Sim	202	67,33%
	não	98	32,67%
Antiasmáticos	Sim	2	,67%
	não	298	99,33%
Antibióticos	Sim	226	75,33%
	não	74	24,67%
Corticóides sistêmicos	Sim	17	5,67%
	não	283	94,33%
Corticóides nasal	Sim	1	,33%
	não	299	99,67%
Descongestionantes	Sim	44	14,67%
	não	256	85,33%
Antialérgicos	Sim	28	9,33%
	não	272	90,67%
Gotas otológicas	Sim	12	4,00%
	não	288	96,00%
Antigripais	Sim	213	71,00%
	não	87	29,00%
Tópicos para pele	Sim	11	3,67%
	não	289	96,33%
Relaxante muscular	Sim	18	6,00%
	não	282	94,00%
Benzodiazepínicos	Sim	36	12,00%
	não	264	88,00%
Antidepressivos	Sim	4	1,33%
	não	296	98,67%
Anticonvulsivantes	Sim	0	,00%
	não	300	100,00%

Fonte: Pesquisa direta

Assim, os medicamentos usados de forma indiscriminada por essas pessoas de saúde fragilizada, tendem a ocupar o primeiro lugar entre os agentes causadores de intoxicações em seres humanos que já tem seu organismo, e

Lopes WFL, Tapety FI, Mendes CMM *et al.* principalmente seu fígado, debilitado por alguma morbidade.

Referente à aquisição de medicamento por via do aconselhamento com o balconista de farmácia, observou-se em nosso estudo que 97 (47,78%) dos entrevistados vindos do interior do Maranhão, 82 (40,39%) do interior do Piauí, 17 (8,73%) do interior do Pará e 7 (3,45%) de outros estados foram influenciados durante a aquisição de medicamentos.

Garrafadas e uso de plantas medicinais na busca pelo tratamento de enfermidades é um processo comum e pertinente ao homem que foi difundido durante as gerações. Com o estudo, verificou-se que 149 (49,66%) do total de entrevistados já tomaram ou tomam algum fitoterápico. Onde mais se viu esta prática foi entre os entrevistados oriundos do interior do Piauí, com um número de 68 (45,64%), seguido dos entrevistados do interior do Maranhão com 63 (42,28%). De todos que utilizaram ou utilizam tais medicamentos, 110 (73,82%) conheciam a natureza desses compostos e conseguiam determinar pelo menos uma planta existente neste. Desses, o maior percentual de entrevistados que informava essa constituição, estavam entre os indivíduos oriundos do Maranhão com 51 (46,36%), seguido dos indivíduos do interior do Piauí com 45 (40,91%) (Tabela 4).

Tabela 4. Uso de medicamentos fitoterápicos e o conhecimento de suas composições por local de origem. Teresina (PI), 2013

Local de origem	Uso de garrafadas e outros medicamentos naturais				Conhecimento da natureza desses compostos			
	Sim		não		Sim		não	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Municípios do interior do PI	68	45,64%	69	45,70%	45	40,91%	23	58,97%
Municípios do interior do MA	63	42,28%	69	45,70%	51	46,36%	12	30,77%
Municípios do interior do PA	14	9,40%	8	5,30%	12	10,91%	2	5,13%
Municípios de outros estados	4	2,68%	5	3,31%	2	1,82%	2	5,13%
Total	149	100,00%	151	100,00%	110	100,00%	39	100,00%

Fonte: Pesquisa direta

Prática da automedicação entre pacientes...
O trabalho intitulado “perfil da automedicação em idosos participantes de grupos da terceira idade de uma cidade do sul do Brasil”, verificaram que os 77 idosos entrevistados em sua pesquisa possuíam diversos problemas de saúde e que utilizavam em média de 0 a 11 medicamentos. A maioria (80,5%) se automedicava, em especial com medicamentos de venda livre (analgésicos) e por plantas medicinais. Sendo estas alternativas adotadas principalmente pela praticidade e por considerarem seus problemas de saúde simples.⁹

Entre as queixas que motivaram a automedicação nos resultados obtidos pela pesquisa, pode-se destacar dores de cabeça (93,33%), febre (86,67%), resfriados (71,00%) e infecções de garganta (61,33%) (Tabela 5).

Tabela 5. Morbidades que levaram a prática da automedicação. Teresina (PI), 2013

		N	%
Dor de cabeça	Sim	280	93,33%
	Não	20	6,67%
Febre	Sim	260	86,67%
	Não	40	13,33%
Gripe/resfriado	Sim	213	71,00%
	Não	87	29,00%
Inflamação/infecção de garganta	Sim	184	61,33%
	Não	116	38,67%
Inflamação/infecção de ouvido	Sim	20	6,67%
	Não	280	93,33%
Sinusite	Sim	31	10,33%
	Não	269	89,67%
Rinites	Sim	7	2,33%
	Não	293	97,67%
Alergias	Sim	29	9,67%
	Não	271	90,33%
Lesões de pele	Sim	1	,33%
	Não	299	99,67%
Lesões orais	Sim	0	,00%
	Não	300	100,00%
Doenças de cabeça ou pescoço	Sim	8	2,67%
	Não	292	97,33%
Refluxo	Sim	49	16,33%
	Não	251	83,67%
Outras queixas digestivas	Sim	68	22,67%
	Não	232	77,33%
Doenças pulmonares	Sim	0	,00%
	Não	300	100,00%

Fonte: Pesquisa direta

De acordo com os dados obtidos em nosso estudo referentes ao conhecimento dos riscos da

Lopes WFL, Tapety FI, Mendes CMM *et al.* automedicação pelos participantes, 243 (81%) do total de entrevistados não considera seguro tomar medicamentos por conta própria. Analisando-se o percentual dos que tinham esse conhecimento dos riscos por local de origem, o resultado foi de 112 (46,09%) indivíduos do interior do Piauí, 106 (43,62%) do Maranhão, 16 (6,58%) indivíduos vindos do Pará, por fim 9 (3,70%) dos demais estados. Com relação ao período de uso da automedicação, do total de entrevistados, 221 (73,66%) responderam que o fazem apenas por 01 dia, 54 (18,00%) por 02 dias, 14 (4,66%) por 03 a 05 dias, 11 (3,66%) por mais de 05 dias.

Quanto aos resultados obtidos com relação à prestação de informações pela Equipe de Saúde da Família sobre o uso indevido de medicamentos, observou-se que do total de entrevistado pela pesquisa, 136 (45,33%) afirmaram receber esse acompanhamento da equipe de saúde, porém, 164 (54,66%) afirmaram serem desassistidos quanto a esse tipo de atendimento. Por local de origem dos que não recebem tais informações, destacam-se os indivíduos oriundos de municípios do interior do Maranhão com 88 (53,66%), seguido dos indivíduos do interior do Piauí com 62 (37,80%) (Tabela 6).

Tabela 6. Prestação de informações sobre automedicação pela Equipe de Saúde da Família por local de origem. Teresina (PI), 2013

	Acompanhamento da equipe de saúde da família			
	Sim		Não	
	N	%	N	%
Local de origem				
Municípios do interior do PI	75	55,15%	62	37,80%
Municípios do interior do MA	44	32,35%	88	53,66%
Municípios do interior do PA	10	7,35%	12	7,32%
Municípios de outros estados	7	5,15%	2	1,22%
Total	136	100,00%	164	100,00%

Fonte: Pesquisa direta

Para encurtar os caminhos para a obtenção do alívio dos incômodos que o afligem, em inúmeras ocasiões, diante de quaisquer sintomas, R. pesq.: cuid. fundam. online 2013.dez. 5(6):151-159

Prática da automedicação entre pacientes... especialmente os mais comuns como aqueles decorrentes de viroses simples, o brasileiro se vê de pronto, impulsionado a utilizar os medicamentos populares para gripe, febre, dor de garganta, etc; ou a procurar inicialmente orientação leiga, seja dos amigos íntimos ou parentes mais experientes ou até mesmo do farmacêutico amigo, à busca de solução medicamentosa. A mídia televisiva e vários outros meios de comunicação e propaganda como o rádio ou “outdoors” insistem com seus apelos a estimular a todos a adotar tal postura.¹⁰ Em nosso caso, a maior justificativa mencionada pelos participantes da pesquisa para a influência a prática da automedicação, decorria da ineficiência de serem alcançados por um sistema de saúde público eficaz em suas cidades.

Diante da real intervenção que ocorre nas farmácias no momento da aquisição de um medicamento no grupo investigado, como mostram os resultados, a pesquisa realizada na cidade de Curitiba-PR, que pretendia averiguar as atitudes e conhecimentos dos farmacêuticos comunitários na dispensação de medicamentos para grávidas. Identificou que os mesmos não se sentem aptos a interpretar informações sobre o uso de medicamentos em mulheres grávidas e não dispõem de fontes de informações confiáveis a respeito do tema. O estudo aponta para a necessidade de reorientação da formação de graduação e pós-graduação nesta área.¹¹

Diversos estudos analisavam o uso de medicamentos entre diferentes categorias sociais da população. Entre essas, associava-se o uso de medicamentos à ideologia das classes mais favorecidas, segundo a qual os medicamentos garantiriam o “acesso” à saúde. Ao contrário destes, as classes menos favorecidas utilizavam os medicamentos com a finalidade de preservar sua capacidade de trabalho. Outras pesquisas vão além, ressaltam entre outros pontos que o uso de

Lopes WFL, Tapety FI, Mendes CMM *et al.* medicamentos no Brasil dissimula padrões de morbidades desiguais entre as diferentes classes sociais.¹²

Outro estudo sugere que a automedicação no Brasil é praticada principalmente por mulheres, entre 16 e 45 anos. Entre os homens, essa prática é vista mais frequentemente nas idades extremas. Mostra também, que há um maior cuidado com a escolha de fármacos para crianças e idosos, e que grande parte dos medicamentos foram adquiridos para uso familiar, o que é compreensível do ponto de vista econômico.³

Outro grupo social pouco referido em pesquisas que abordam a automedicação trata do processo de automedicação que ocorre no interior do Brasil. Diz que o precário acesso aos serviços de saúde e o extenso conhecimento dos medicamentos tradicionais, revelado, por exemplo, em pesquisa realizada no interior da Bahia, impossibilita que se coloque numa mesma linha o consumo de medicamentos modernos no interior e nos centros urbanos do Brasil.¹²

Entretanto, no estudo que buscava avaliar a utilização de medicamentos em adultos afirma-se que o maior uso está exatamente entre os indivíduos de maior poder aquisitivo. E ressalta que a prática de automedicação depende do fator socioeconômico, que pode prevalecer sobre a real necessidade. Sabe-se que a saúde dos indivíduos de nível socioeconômico mais baixo, em geral, é pior, e isso poderia acarretar numa maior utilização de medicamentos, porém, ao contrário, essa proposição não é verificada com a realização deste estudo. Afirma ainda, que esse achado está de acordo com a lei dos cuidados inversos em saúde, segundo a qual as pessoas com menores necessidades têm mais e melhores cuidados.⁸ Em oposição, o que ocorre em nossa pesquisa mostra a elevada prática da automedicação em indivíduos de baixa renda, o que comprova ser esta prática

Prática da automedicação entre pacientes... bastante disseminada atualmente entre a população, independente de classe social.

Sendo confirmada pelo estudo que visava verificar a prevalência de automedicação entre menores de cinco anos nos municípios de Caracol-PI e Garrafão do Norte-PA, era de se esperar que a prevalência de automedicação nos dois municípios estudados fosse maior que a de outras localidades, pela baixa disponibilidade de serviços de saúde e, sobretudo, pelo difícil acesso. Isto poderia favorecer a oferta de medicamentos à criança sem orientação médica. No entanto, há que destacar também a baixa disponibilidade de medicamentos no setor público em Caracol e Garrafão e, sobretudo, em decorrência da pobreza, a falta de recursos financeiros para adquiri-los junto ao setor privado.¹³

Fato é que no Brasil existem poucos estudos sobre o tema. Mais raro ainda é encontrar artigos discutindo políticas públicas com o objetivo de promover intervenções e estratégias de prevenção à automedicação.¹³

CONCLUSÃO

Pelos dados discutidos, é inegável a relevância da prevenção à automedicação em indivíduos enfermos, como fator importante na qualidade de vida dessas pessoas. Observou-se que a busca por alívio de seus males e a carente saúde pública oferecida à população admite que os indivíduos lancem mão da automedicação como a sua primeira e urgente opção. Contudo, fazer uso de medicamentos sem um devido acompanhamento médico pode acarretar danos à saúde do indivíduo. A importância da conscientização e educação da população quanto aos riscos da automedicação são extremamente necessárias, principalmente para um grupo socialmente vulnerável como é o caso desses indivíduos que buscam em Teresina

Lopes WFL, Tapety FI, Mendes CMM *et al.* tratamento para suas enfermidades. Portanto, os dados aqui apresentados mostram a necessidade de, nestes municípios, aumentar a disponibilidade de serviços médicos, facilitar o acesso geográfico aos serviços de saúde e realizar campanha mostrando o risco da automedicação. Propõe-se que sejam efetivadas políticas públicas para o controle e fiscalização dos medicamentos, além de ações de caráter promocional da saúde e, principalmente, sobre a medicação responsável, com a pretensão do uso racional dos medicamentos, envolvendo o serviço de saúde da família e a comunidade em geral.

REFERÊNCIAS

1. Coelho HL, Teixeira AC, Cruz MF, Gonzaga SL, Arrais PS, Luchini L, et al. Misoprostol: the experience of women in Fortaleza, Brazil. *Contraception*, 1994 Feb;49(2):101-10.
2. Ivannissevich A. Os perigos da automedicação. *Jornal do Brasil RJ*, 1994 Jan;23.
3. Arrais P SD, Coelho HLL, Batista MCDS, Carvalho ML, Righi RE, Arnau JM. Perfil da automedicação no Brasil. *Rev. Saúde Pública*, 1997 Fev;31(1): 71-7. [citado 04 abril 2012]. Disponível em: URL: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89101997000100010&script=sci_arttext
4. Vilarino JF, Soares IC, Silveira CM, Rodel APP, Bortoli R, Lemos RR. Perfil da automedicação em município do sul do Brasil. *Rev. Saúde Pública online*, 1998 Fev;32(1): 43-9. [citado 05 abril 2012]. Disponível em: URL: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101998000100006&1ng=pt&nrm=iso
5. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. *Monitoração de Propaganda: relatório final do projeto de monitoração*. Brasília (DF); 2010. [citado 10 março 2013]. Disponível em: URL: http://portal.anvisa.gov.br/wps/wcm/connect/dcaf24004885d212ba1abafa35813921/Relatorio_Monitoracao_propagandamarco_2011.pdf?MOD=AJPERES
6. Melo EB, Teixeira JJV, Manica GCM. Histórico das tentativas de liberação da venda de medicamentos em estabelecimentos leigos no Brasil a partir da implantação do Plano Real. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2007;12(5): 1333-1340.
7. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. *Informe Técnico - RDC n° 102/2000. Gerência Geral de Monitoramento e Fiscalização de Propaganda, de Publicidade, de Promoção e de Informação de Produtos Sujeitos à Vigilância Sanitária*; Brasília (DF); 2008. [citado 03 janeiro 2012]. Disponível em: URL: http://portal.anvisa.gov.br/wps/wcm/connect/53173c8047457995867ed63fbc4c6735/Informe_RDC102_Esclarecimentos_Propaganda.pdf?MOD=AJPERES
8. Bertoldi AD, Barros AJD, Hallal PC, Lima RC. Utilização de medicamentos em adultos: prevalência e determinantes individuais. *Rev. Saúde Pública*, 2004; 38(2): 228-38.
9. Galato D, Falchetti ML, Cascaes EA. Perfil da automedicação em idosos participantes de grupos da terceira idade de uma cidade do sul do Brasil. *Arquivos Catarinenses de Medicina*, 2008; 37(1): 63-69.
10. 10. Automedicação. *Rev. Assoc. Med. Bras.* [periódico na Internet]. 2001 Dez [citado 2013 Dez 18] ; 47(4): 269-270. Disponível em: R. pesq.: cuid. fundam. online 2013.dez. 5(6):151-159

Lopes WFL, Tapety FI, Mendes CMM *et al.*
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext
&pid=S0104-42302001000400001&lng=pt.](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42302001000400001&lng=pt)
[http://dx.doi.org/10.1590/S0104-
42302001000400001.](http://dx.doi.org/10.1590/S0104-42302001000400001)

Prática da automedicação entre pacientes...

11. Baldon JP, Correr CJ, Melchior AC, Rossignoli P, Fernández-llimós F, Pontarolo R. Actitudes y conocimientos de los farmacéuticos comunitarios al dispensar medicamentos a embarazadas. *Pharmacy Practice*, 2006; 4(1): 38-43.

12. Haak, H. Padrões de consumo de medicamentos em dois povoados da Bahia (Brasil). *Rev. Saúde Pública*, 1989; 23(2): 143-51.

13. Goulart IC, Cesar JÁ, Gonzalez-Chica DA, Neumann NA. Automedicação em menores de cinco anos em municípios do Pará e Piauí: prevalência e fatores associados. *Rev. Bras. Saúde Matern. Infant.*, Recife-PB, 2012 Abr/Jun;12(2): 165-172.

Recebido em: 11/04/2013

Revisões Requeridas: não

Aprovado em: 25/10/2013

Publicado em: 27/12/2013